

EXPLORANDO O ATIVISMO VINCULADO AO

ABORTO SEGURO

Primeiro informe de resultados
Maio de 2022



EXPLORANDO O ATIVISMO VINCULADO AO

ABORTO SEGURO

A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS E HISTÓRIAS DE FEMINISTAS
QUE INTEGRAM REDES DE ACOMPANHAMENTO
NA AMÉRICA LATINA (2020-2021)



ÍNDICE

I. Introdução 5

II. Objetivos 11

- a) Objetivo geral
- b) Objetivos específicos

III. Metodologia 14

IV. Resultados 17

- a) Quem são as ativistas que acompanham abortos?
- b) Os caminhos para o ativismo a favor do aborto
- c) Desafios e apostas: Como se desenvolve o ativismo que acompanha abortos?
- d) De volta ao centro: o acompanhamento na própria vida
- e) Para onde avançar? Ativar para o futuro

V. Conclusões 42

VI. Referências bibliográficas 47

EXPLORANDO O ATIVISMO VINCULADO AO ABORTO
SEGURO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS E HISTÓRIAS DE
FEMINISTAS QUE INTEGRAM REDES DE
ACOMPANHAMENTO NA AMÉRICA LATINA

*Primeiro informe
de resultados*

MAIO DE 2022



Este estudo foi realizado em colaboração com Ibis Reproductive Health (Estados Unidos), Colectiva Feminista La Revuleta en Socorristas en Red (Argentina), Con las Amigas y en la Casa (Chile), Fondo de Aborto para la Justicia Social MARIA (México), Las Libres (México) e uma Coletiva anônima. Todas essas organizações constituíram um Comitê para construir e materializar esta investigação.

CITAÇÃO SUGERIDA:

Comitê de Planejamento (2022). *Explorando o ativismo vinculado ao aborto seguro a partir das experiências e histórias de feministas que integram Redes de Acompanhamento na América Latina (2020-2021). Primeiro informe de resultados - Maio de 2022.*

*O COMITÊ DE PLANEJAMENTO SOMOS:

Ruth Zurbriggen, Colectiva Feminista La Revuelta en Socorristas en Red (Argentina).

Milena Meza, Con las Amigas y en la Casa (Chile).

Sofía Garduño, Fondo de Aborto para la Justicia Social MARIA (México).

Stephanie Lomelí, Fondo de Aborto para la Justicia Social MARIA (México).

Verónica Cruz, Las Libres (México).

Allie Wollum, Ibis Reproductive Health (EUA).

Erika E. Atienzo, Ibis Reproductive Health (EUA).

Sofía L. Carbone, Ibis Reproductive Health (EUA).

Agradecimientos

Queremos expressar o nosso sincero agradecimento a todas as pessoas que fizeram este projeto possível, em especial às que fazem acompanhamento e que participaram do mesmo, seja respondendo o questionário ou apoiando com as tarefas de convite ao estudo, desenho ou tradução dos materiais. Agradecemos também a Chiara Bercu e Angélica Campos, do Ibis Reproductive Health, que nos apoiaram com a análise qualitativa das perguntas abertas. Por último, queremos reconhecer o esforço de companheiras de uma Coletiva anônima que participaram do Comitê de Planejamento e em todas as fases do estudo, mas que, por razões de cuidado e segurança, desejam permanecer anônimas.

1. Introdução

**“A linguagem acadêmica é uma das minhas ferramentas. Mas também aspiro que as minhas palavras estejam o mais próximo possível do mundo, em uma tentativa de mostrar que a teoria feminista é o que fazemos quando vivemos as nossas vidas como feministas”
(tradução nossa)¹**

Sara Ahmed (Vivir una vida feminista, 2018: 27)

As Redes Feministas de Acompanhantes de Abortos têm construído um ativismo que se mantém firme na América Latina. Mesmo no contexto restritivo na América Central, também ali existem Redes de Acompanhamento. Esses espaços de apoio oferecem a possibilidade de acessar abortos autogestionados e dentro dos marcos da legalidade, segundo os contextos em que se ativam e de acordo com as decisões de quem se conecta. Essas Redes garantem o acesso a abortos seguros, cuidados, amorosos, acompanhados e se articulam para potencializar ativismos. Disputam sentidos dos poderes hegemônicos, colocando as pessoas que abortam como protagonistas indiscutíveis desse processo, e advogam para a construção de autonomias corporais –autonomias que são sempre situadas e relacionais–, cuidando da vida e promovendo a justiça reprodutiva.

Os países da América Latina têm uma enorme dívida com mulheres e outras pessoas que necessitam abortar (lésbicas², homens trans, não-binários). Embora a maior parte da experiência das Redes que participam deste estudo esteja baseada no acompanhamento de mulheres, atualmente estão sendo desenvolvidos processos para acompanhar pessoas com outras identidades de gênero que podem engravidar e, portanto, abortar.

1. Em espanhol: “El lenguaje académico es una de mis herramientas. Pero también aspiro a que mis palabras estén todo lo cerca del mundo como sea posible, en un intento por mostrar que la teoría feminista es lo que hacemos cuando vivimos nuestras vidas como feministas”.

2. Incluímos “lésbicas” como autopercepção de gênero, tomando a categoria definida por Monique Wittig: as lésbicas não são mulheres (em “O pensamento heterossexual”), mas uma categoria e uma conceitualização que têm efeitos nas histórias e experiências pessoais e coletivas de grupos de lésbicas.

As Redes de Acompanhantes se constituem também como uma resposta ao abandono dos estados e seus governos, interpelam os estigmas que rodeiam os abortos e desenvolvem práticas comunitárias que se associam a experiências de longo alcance dos feminismos, como dar respostas a uma necessidade que se apresenta aqui e agora, como é a necessidade e a decisão de abortar. Para isso, foram criados e se criam espaços para difundir informação sobre as leis vigentes de aborto e sobre usos de medicamentos, oferecendo assim estratégias para o acesso seguro ao aborto.

Longe das vitimizações, as Redes e Coletivas³ de acompanhantes constroem narrativas desde as experiências de acompanhamento de abortos para provocar outros sentires a respeito. Dessa maneira, aportam para a despenalização, legalização, visibilização, desdramatização, despatologização e desestigmatização do aborto.

O acompanhamento para o aborto consiste em dar informação atualizada e validada sobre os usos seguros de medicamentos e os diferentes métodos de aborto, apoio emocional, legal, financeiro e/ou informativo. Os modelos feministas de acompanhamento incluem os fundos de aborto, os aconselhamentos e os acompanhamentos presenciais ou telefônicos. Hoje se sabe que diversas redes de coletivas e defensoras de saúde e justiça reprodutiva da região têm desenvolvido protocolos detalhados para acompanhar mulheres e outras pessoas gestantes durante seus processos de aborto, com diversos níveis de estruturação e sistematização⁴.

3. Ao longo deste documento, nos referimos a Redes e/ou Coletivas, dado que existem diferentes lugares de pertencimento entre as que responderam ao questionário. Na maioria dos casos, as participantes pertencem a uma coletiva em um território e, por sua vez, essa coletiva é parte de redes mais amplas e estendidas geograficamente. No entanto, também existem as que não são parte ativa de uma rede de atuação mais federal. Portanto, usamos os termos de forma intercambiável, embora não sejam necessariamente os mesmos.

4. Fernández Vázquez SS, Szwarc L. Aborto medicamentoso: transferencias militantes y transnacionalización de saberes en Argentina y América Latina. *RevIISE - Rev Cienc Soc Humanas* [Internet]. 2018;12(12):163-77. Disponível em: <http://www.ojs.unsj.edu.ar/index.php/reviise/article/view/280>

Drovetta RI. Safe abortion information hotlines: An effective strategy for increasing women's access to safe abortions in Latin America. *Reprod Health Matters* [Internet]. 2015 Jan [cited 2020 Apr 22];23(45):47-57. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/j.rhm.2015.06.004>

Drovetta RI. Acciones feministas en las Líneas de Información Aborto Seguro (LIAS) en Latinoamérica y el Caribe. In: *Feminismos para un cambio civilizatorio*. Alba Carosio (Coord.). Caracas, Venezuela: CLACSO, Fundación Celarg, Centro de Estudios de la Mujer, Universidad Central de Venezuela; 2014.

Estudos sobre acompanhamento de aborto coincidem ao apontar que as mulheres agradecem o apoio durante o processo, seja ele presencial ou por telefone⁵. Além disso, também existem evidências empíricas e rigorosas de que os abortos autogestionados com o apoio de uma grupa de acompanhamento são altamente eficazes⁶, algo que ativistas e redes que cumprem esse propósito conhecem há décadas.

Dessa maneira, desde o trabalho coletivo e comunitário, valendo-se de muita organização, vão sendo construídas amplas redes de apoio, que permitem fornecer acesso a abortos seguros e cuidados, com base nas necessidades das pessoas que requerem acompanhamento e das que acompanham.

Durante anos, décadas de luta, foi possível observar os resultados e os avanços que o movimento a favor do direito ao aborto tem alcançado, os retrocessos que tem enfrentado e as estratégias para seguir adiante. No entanto, poucas vezes prestamos atenção nas que acompanham no cotidiano, ainda que em contextos mais ou menos restritivos.

Balance, Libertad, Justicia y Transformación. 1er Encuentro de la RedFeminista Latinoamericana y Caribeña de Acompañantes de Aborto [Internet]. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@BalanceAC/1er-encuentro-de-la-red-feminista-latinoamericana-y-caribe%C3%B1a-de-acompa%C3%B1antes-de-aborto-8e797736577c>

5. Zurbruggen R, Keefe-Oates B, Gerdtts C. Accompaniment of second-trimester abortions: the model of the feminist Socorrista network of Argentina. *Contraception* [Internet]. 2018 Feb [cited 2020 Apr 22];97(2):108-15. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0010782417303931>

Chor J, Hill B, Martins S, Mistretta S, Patel A, Gilliam M. Doula support during first-trimester surgical abortion: a randomized controlled trial. *Am J Obstet Gynecol* [Internet]. 2015 Jan [cited 2020 Apr 22];212(1):45.e1-45.e6. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0002937814006322>

6. Moseson H, Jayaweera R, Egwuatu I, Grosso B, Kristianingrum IA, Nmezi S, Zurbruggen R, Motana R, Bercu C, Carbone S, Gerdtts C. Effectiveness of self-managed medication abortion with accompaniment support in Argentina and Nigeria (SAFE): a prospective, observational cohort study and non-inferiority analysis with historical controls. *Lancet Glob Health*. 2022 Jan;10(1):e105-e113. doi: 10.1016/S2214-109X(21)00461-7. Epub 2021 Nov 18. PMID: 34801131. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(21\)00461-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(21)00461-7/fulltext)

Este projeto de pesquisa surge com o interesse de voltar a atenção para dentro desses ativismos e das Redes de Acompanhamento, de escutar e conhecer mais quem são aquelas pessoas que se encontram sustentando e acompanhando esses processos na região; e de que forma suas próprias histórias, caminhos e percursos vão criando espaços seguros para quem decide abortar, ao mesmo tempo em que enfrentam suas próprias necessidades, que impactam na possibilidade e nas formas em que se arma esse ativismo. Aprender sobre as necessidades e as leituras que têm sobre a decisão de acompanhar quem decide abortar, o impacto que isso tem nos diferentes espaços das suas vidas, nos seus vínculos afetivos, nos seus espaços de trabalho e comunitários, nas experiências e decisões pessoais de abortar ou não se converte em uma oportunidade para entender o que motiva esse acompanhamento e suas apostas com esperança por outros futuros.

Permitir-nos escutar e conhecer mais sobre quem sustenta essas Redes de Acompanhamento também é um exercício que busca reconhecer os desafios que existem sobre a sustentabilidade do trabalho político que realizam. A decisão de ser parte de um espaço ou outro tem um impacto direto em tudo aquilo que conforma a vida das pessoas. As condições sob as quais podem realizar esses acompanhamentos também influencia, por isso se torna importante conhecê-las de maneira integral e que se visibilize o que implica habitar essas práticas de cuidados coletivos.

Este estudo se desenvolveu em um contexto sanitário inédito a nível global: a pandemia de COVID-19. Com todas as nuances que poderiam existir na região, é inquestionável que permeou, em grande medida, as dinâmicas e formas em que Redes de Acompanhantes de acesso a abortos seguros funcionam, bem como afetou as vidas das que acompanham esses abortos seguros e de quem necessitou abortar. Com sistemas de saúde reduzidos, a pandemia mostrou, uma vez mais, que os

abortos não foram prioridade nas medidas tomadas e quando foram, como no caso de alguns países que estabeleceram resoluções especiais, longe de desaparecer, as barreiras e os obstáculos se aprofundaram.

A pandemia modificou algumas dinâmicas, mas encontrou as Redes de Acompanhamento decididas a estar perto de quem necessitava abortar. Longe de frear sua ação, tornou-se mais palpável a importância do seu ativismo diante das novas circunstâncias, para as quais foram dando respostas de maneira sustentável e criativa. Aqui está também uma questão central: a flexibilidade e a permeabilidade com as quais souberam se colocar à altura das circunstâncias para a busca de alternativas acorpadadas, onde os abortos possam ser vividos de maneira digna, segura e acompanhada, apesar do impacto da COVID-19 nas suas vidas. Isso –em grande medida– torna mais atraentes nossas perguntas sobre o que as Redes de Acompanhantes precisam e como essa contingência sanitária está permeando as bases onde realizam seu trabalho.

Essas são as principais considerações que impulsionaram o Comitê de Planejamento deste projeto de pesquisa. Responder as perguntas levantadas contribuirá para pensar em estratégias que permitam conhecer mais esse tema e, por sua vez, repensar e imaginar novas formas de seguir acompanhando, de fazer política a partir do ativismo e de disputar os sentidos hegemônicos sobre o aborto e os acompanhamentos de abortos.

II. Objetivos

A) objetivo principal

O objetivo principal deste estudo é entender como as ativistas feministas que integram Redes de Acompanhantes de Aborto se envolvem nelas. Além disso, buscou-se conhecer quais são suas experiências e histórias dentro do ativismo e que apoio necessitam para continuá-lo.

B) objetivos específicos

- ✘ Documentar experiências, eventos e fatores que influenciam na decisão de integrar uma Rede ou Coletiva de Acompanhantes de Aborto.
- ✘ Conhecer e descrever a participação situada de ativistas nas Redes de Acompanhantes, a organização dessas Redes e as tarefas que quem atua desenvolve nelas, entender algumas das ideias que têm sobre a mudança social e suas percepções sobre como o seu ativismo influencia o contexto, e explorar seus planos e intenções para um futuro de médio e longo prazo.

- 
- ✘ Entender os obstáculos organizacionais, sociais e estruturais que têm enfrentado, e as ferramentas que têm desenvolvido para realizar o seu ativismo.
 - ✘ Identificar estratégias para consolidar a incorporação, participação e permanência a longo prazo de ativistas nas diferentes Redes de Acompanhantes.
 - ✘ Evidenciar como o ativismo se modificou a partir do contexto de emergência por conta da COVID-19 e comparar as experiências e trajetórias de ativistas em distintos países.

III. Metodologia



Para esta pesquisa, foi utilizada uma metodologia quantitativa, com desenho transversal e fonte primária de dados. O trabalho de campo se concentrou em uma pesquisa eletrônica anônima para ativistas integrantes de Redes de Acompanhamento de países da América Latina.

O Comitê de Planejamento trabalhou de maneira virtual entre abril e agosto de 2020 na construção do projeto e no desenvolvimento da pesquisa eletrônica, que inclui temáticas que se trabalharam em íntima relação com o objetivo geral e os objetivos específicos acima mencionados. Os critérios para participar da pesquisa foram:

- 1.** Participar de acompanhamento de maneira coletiva a partir de alguma das Redes ou Coletivas selecionadas pelo Comitê de Planejamento (definiu-se como “participação ativa” o fato de ter sido parte de maneira regular nas atividades e sessões de suas Rede, tanto virtual como presencialmente, durante os anos de 2020 e 2021).
- 2.** Desenvolver qualquer tipo de tarefa dentro da Rede ou Coletiva.
- 3.** Falar espanhol ou português.
- 4.** Poder dar o consentimento informado.

A aplicação do questionário foi realizada em duas fases. Para a fase 1, foram convidadas a responder a pesquisa as que acompanham através das Redes representadas no Comitê de Planejamento. Primeiro, foi realizado um piloto

com ativistas dessas Redes, o que permitiu realizar ajustes no instrumento e, no fim de setembro, foram convidadas mais ativistas das mesmas Redes a participar do estudo. Nesta fase, 457 ativistas do México, Chile, Argentina e América Central participaram da pesquisa. Cada Rede decidiu a maneira mais adequada de desenvolver a coleta de dados, segundo as possibilidades e necessidades desse tempo particular. Por exemplo, houve as que convocaram ativistas para implantar o monitoramento do trabalho de campo, enquanto outras Redes não precisaram recorrer a esse mecanismo.

Depois dessa primeira fase, o Comitê de Planejamento prosseguiu o seu trabalho com as primeiras análises de resultados dos questionários e com o planejamento da segunda fase do trabalho de campo, que se iniciou em abril de 2021. Nesta segunda fase, participaram 85 ativistas de Redes selecionadas pelo Comitê de Planejamento em países como Equador, Brasil, Uruguai, Colômbia, Bolívia, Paraguai, Peru e Venezuela.

Em todos os casos, foram convocadas reuniões com representantes das Redes dos países que o estudo pretendia envolver, tanto para apresentar suas linhas gerais quanto para apresentar posteriormente os primeiros resultados dos questionários.

O projeto foi desenvolvido durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19, com todas as incertezas e vertigens que esse período implicou. Embora a maioria das pessoas que compunham o Comitê de Planejamento tivesse vínculos por meio das alianças e articulações das Redes da região e com integrantes do Ibis Reproductive Health por meio de diversos projetos colaborativos, essa equipe teve que aprender a funcionar e a desenvolver formas de trabalho que contemplassem as diversas experiências e os desejos em relação a este projeto em um momento tão particular.

IV. Resultados



Os resultados que apresentamos a seguir correspondem a ambas as fases deste estudo, em que participaram 542 pessoas⁷. Os dados representam principalmente porcentagens com base no total de ativistas que responderam a cada pergunta, contudo, também se apresentam alguns resultados de acordo com características selecionadas da população (por exemplo, desagregando por idade, anos na Rede, entre outras). São incluídas respostas textuais para contextualizar alguns achados. Além disso, as perguntas de resposta aberta foram analisadas por temas, após um processo de codificação.

A seguir, apresentamos os principais resultados produzidos pela pesquisa, de acordo com cinco temas centrais:

- a)** Quem são as ativistas que acompanham abortos?
- b)** Os caminhos para o ativismo a favor do aborto.
- c)** Desafios e apostas: Como se desenvolve o ativismo que acompanha abortos?
- d)** De volta ao centro: o acompanhamento na própria vida.
- e)** Para onde avançar? Ativar para o futuro.

7. Na pesquisa, participaram 542 pessoas no total. Contudo, nem todas responderam o questionário completo e algumas decidiram sair da pesquisa imediatamente. Por esse motivo, as porcentagens reportadas se baseiam no total de pessoas que responderam cada pergunta específica, e não ao total de pessoas que acessaram o link da pesquisa.

Cada uma dessas seções está organizada da seguinte forma:

1. Uma breve descrição do tema, focada no objetivo geral do estudo. Incluiu-se uma explicação sobre as causas pelas quais foram escolhidas as perguntas realizadas.
2. Uma primeira descrição dos resultados obtidos.
3. Algumas reflexões sobre a seção.

Esta seção busca descrever, em função das suas características sociodemográficas, quem são as e es ativistas que responderam esta pesquisa, como uma aproximação para entender quem faz ativismo e acompanhamento na região.

A) Quem são as ativistas que acompanham abortos?

Em média, a idade de quem participou desta pesquisa é de 33 anos. Do total, 12% têm 24 anos ou menos; 73%, entre 25 e 39 anos e 15% têm 40 anos ou mais. A grande maioria das pessoas que participaram assinala não acreditar em uma religião (88%), uma proporção menor se declara católica (3%) ou outra (5%).

Das pessoas que responderam, 88% se identificaram como mulher ou mulher cisgênero, 5% se reconheceram como pessoa não-binária e 4% responderam “não estou certa”. É importante destacar que algumas pessoas expressaram maior conforto com o uso da identidade “mulher” versus “mulher cisgênero”.

“Mulher, acredito que deveria parecer esta alternativa, já que muitas mulheres nos identificamos como mulheres, o cis mulher é uma categoria acadêmica da teoria queer e não me representa”. [40 anos, Rede na América do Sul]

Existe maior diversidade de respostas na pergunta sobre orientação sexual. No total, 38% das e des participantes se identificaram como heterossexuais, 35% como bissexuais, 11% como lésbicas, 10% como pansexuais e menos

de 5% se identificaram como “outra” orientação sexual; 5% responderam não estar segure da orientação sexual.

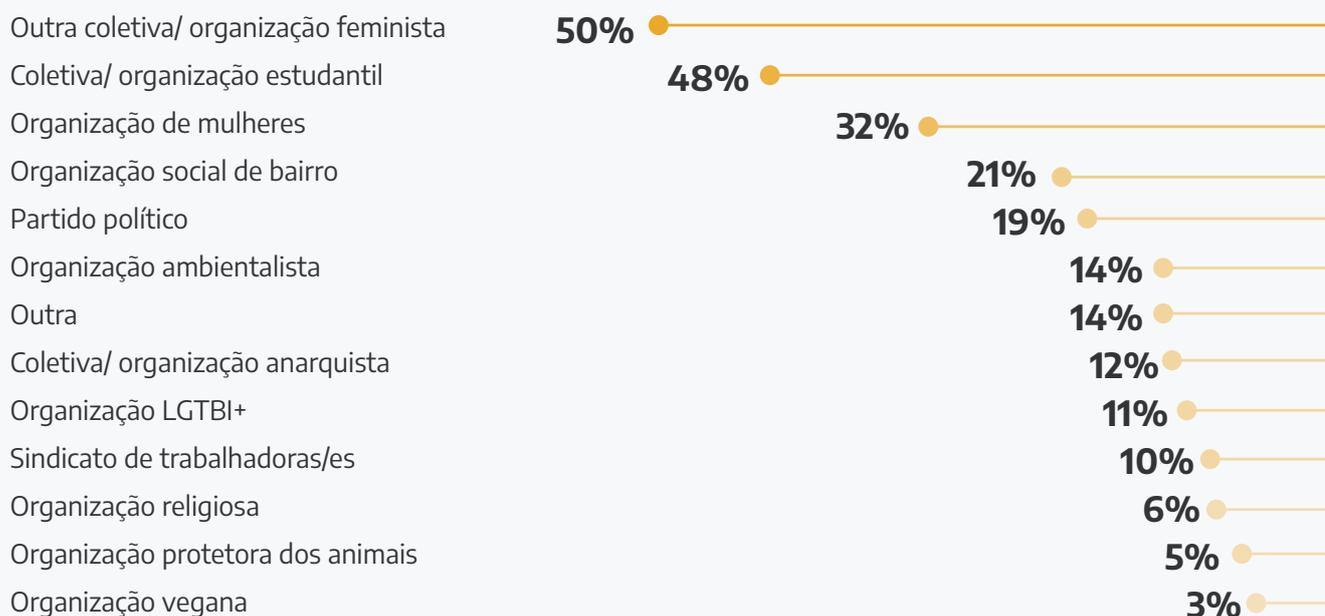
A maioria tem alto nível de estudos. Mais da metade (57%) alcançou, como máximo nível de instrução, a graduação, seja completa ou incompleta; enquanto 28% têm pós-graduação (completa ou incompleta). É possível registrar que, entre quem está estudando, 45% são estudantes de graduação (50%), algumas pessoas estão cursando especialização (20%) ou um mestrado (16%). Em relação ao trabalho remunerado, mais da metade (55%) tem trabalho de tempo integral e aproximadamente três em cada dez (28%) trabalham meio período. No momento da pesquisa, 12% não tinham trabalho, e estava buscando emprego.

É importante ressaltar que, além do seu ativismo, trabalho ou responsabilidades acadêmicas, muitas dessas ativistas somam as responsabilidades familiares. Da cifra global de ativistas (542) consideradas neste estudo, 24% vivem com filhos. No total, três em cada dez ativistas (32%) são mães e, entre elas, 55% têm um filho, 35% dois e 9% têm três filhos.

“As companheiras que maternam veem como muito complicado permanecer na Rede pelo grande número de papéis que cumprem na sociedade e, ainda que estejam comprometidas, também é preciso lembrá-las de que o autocuidado é importante”. [25 anos, Rede no México]

Para entender quem faz acompanhamento, é importante também analisar suas trajetórias dentro do ativismo, esteja ou não relacionado ao aborto. É uma característica generalizada que a maioria tenha ativado em outros espaços além da sua Rede ou Coletiva atual (85%). Em média, quem participa em outras organizações está ou permaneceu quatro anos nesses outros espaços. Dessas pessoas, 50% participaram de outra coletiva ou organização feminista.

Tipo de organização em que participaram quem assinalou ter feito ativismo em outros espaços além da sua Rede/Coletiva atual (n=426)



Os principais motivos pelos quais se retiraram desses espaços foi por falta de identificação com a missão e visão da organização (40%), a existência de práticas machistas (40%), por diferenças políticas (35%), porque encontraram uma atividade mais próxima do seu desenvolvimento pessoal (32%) ou porque não tinham suficiente tempo para dedicar à organização (27%).

B) Os caminhos para o ativismo a favor do aborto

Esta seção mostra quais experiências pessoais e convicções políticas motivaram ativistas a se unir às Redes e/ou Coletivas de Acompanhamento de Aborto, assim como as razões para escolher a organização na qual estão realizando o acompanhamento atualmente.

As motivações e os desejos que levam as ativistas a fazer parte das Coletivas e/ou Redes de Acompanhamento são variadas. Porém, é possível encontrar coincidências relevantes. Entre as que responderam a pesquisa, 80% afirmam que seu principal interesse está no trabalho coletivo em favor do aborto livre e seguro, 65% destacam o interesse pelo movimento feminista do seu país e 54% manifestam que o movimento feminista, enquanto movimento político, é o que a impulsiona a tomar a decisão de acompanhar a abortar. Além disso, 48% sentem um profundo interesse pelo ativismo em geral, reconhecendo que quer ser parte de uma mudança social.

Como motivação para entrar em uma Rede, o interesse pelo ativismo em geral é a mais comum entre ativistas de 24 anos ou menos:

64% das e des acompanhantes de 24 anos ou menos apontam este motivo para ter ingressado em sua Rede, frente 41%-49% entre ativistas de outros grupos etários.

Como um tema central neste estudo e em geral no acompanhamento, vemos que 48% de acompanhantes tiveram ao menos uma experiência individual de aborto no seu corpo⁸ e que, entre essas pessoas, 74% apontam que esta experiência foi importante ou muito importante na sua decisão de ativar na sua Rede ou Coletiva. As experiências individuais, seja acompanhando ou sendo protagonistas do seu aborto, são, portanto, também vivências que despertam o desejo de estar e acompanhar, de ser parte das redes, de gerar ações concretas para que as experiências de aborto entre mulheres e outras pessoas possam ser vividas de forma mais cuidada, mais informada e com mais autonomia.

8. Utilizamos a frase “abortar em seu corpo” devido a algumas experiências ou produções ativistas sustentarem que “aborto cada vez que acompanho a abortar”.

Em relação às motivações para entrar em uma Rede ou Coletiva, a influência de um acompanhamento em uma experiência pessoal de aborto é mais visível entre as ativistas mais jovens, enquanto a influência de ter vivido um aborto em solidão é mais comum conforme aumenta a idade das ativistas.



Por sua vez, 17% das que tiveram um aborto em seu corpo assinalam que já estavam realizando ativismo em sua Rede no momento da experiência. Portanto, a partir da pesquisa foi possível observar que os abortos são, para algumas pessoas, experiências transformadoras que as movem a participar do ativismo para acompanhar outras pessoas. Ao mesmo tempo, o estudo aponta que não é necessário ter vivido um aborto para acompanhar, já que metade de acompanhantes nunca teve um aborto no seu corpo até aquele momento.

Politizar os abortos:

Entre as pessoas que responderam, 67% disseram que escolheram a Coletiva em que realizam o ativismo, porque se identificam com as perspectivas com que se aborda o aborto, livre e autônomo, e quase 60% apontam que o motivo mais importante é a postura política da sua Rede ou Coletiva. Isso se relaciona com o fato de que, entre as atividades de autocuidado mais desejadas por acompanhantes, estejam as jornadas de formação política, chegando a 40% das respostas. Também a metade aponta que escolheu a Coletiva em que desenvolve o seu ativismo, porque se sente confortável com a organização e com a estrutura que a sua Rede possui.

Das pessoas ativistas que responderam, 40% disseram que são parte das que criaram suas Redes e Coletivas e, além disso, 25% consideram que não existem obstáculos para sua permanência na Rede, porque esta já é parte da sua vida –o que também nos convida a pensar que suas motivações e desejos estão materializados, são colocados em prática e são ações diretas para seguir abrindo caminhos para mulheres e outras pessoas que necessitam abortar.

Motivações para permanecer:

Em primeiro lugar, 95% reconhecem que a motivação para permanecer no ativismo está na aposta de que os abortos sejam acompanhados e feministas. A segunda motivação mais citada (76%) é poder modificar uma situação de completa solidão que alguém que necessita abortar possa estar vivendo. A terceira motivação mais citada está relacionada ao combate do estigma comunitário e das normas sociais existentes com respeito ao aborto (66%). Em outro ponto, aparecem os acompanhamentos em situações de violência sexual, gestações e maternidades não desejadas como vivências significativas que as permitiram reafirmar seu compromisso com a Rede ou Coletiva e permanecer nela.

Esta seção mostra as formas de organização e de trabalho que as ativistas desenvolvem dentro das suas Redes e Coletivas, ou seja, a parte orgânica do ativismo que acompanha abortos. A partir disso, são retomados os obstáculos e os desafios que têm enfrentado, assim como as estratégias que têm desenvolvido para fazer frente e construir espaços que lhes permitam continuar acompanhando. Essas tarefas e desafios mostram, ao mesmo tempo, como o acompanhamento tem seguido presente frente à contingência pela COVID-19.

O Desafios e apostas: Como se desenvolve o ativismo que acompanha abortos?

Organização das Redes:

A caracterização das tarefas que as e es acompanhantes realizam dentro de sua Rede retrata a complexidade dos processos de acompanhamento e mostra as Redes de Acompanhamento como sistemas altamente organizados. Vemos que 90% do ativismo faz acompanhamento telefônico e/ou por e-mail durante os abortos, 66% realizam oficinas⁹ e divide informação sobre aborto com medicamentos e 57% fazem acompanhamento presen-

9. Essas oficinas fazem referência aos encontros que são realizados entre acompanhantes e as mulheres ou outras pessoas que necessitam abortar para compartilhar a informação sobre aborto com medicamentos.

cial durante os abortos. A maioria (63%) disse que realizou um acompanhamento presencial menos de seis meses após ingressar na Rede. Este trabalho implica a capacitação de novas pessoas integrantes da Rede e/ou Coletiva, trabalho que 30% relataram. Por outro lado, as tarefas de fazer protocolos de segurança da Rede (digital) ocupa 6%, fazer exercícios de contenção com as e integrantes ocupa 9%; fazer discursos para a Rede, 11%; e procurar recursos, 13%.

Para 10%, o trabalho na Coletiva tem menos de um ano, 42% têm entre 1 e 2 anos; 34%, entre 3 e 4 anos e 13%, 5 anos ou mais. No momento da pesquisa, 11% disseram que dedicava menos de 4 horas por semana à sua Rede, enquanto 21% dedicavam entre 4 e 8 horas semanais, sendo esta última a resposta mais frequente. Além disso, 8% disseram que dedica 40 horas ou mais por semana. Quanto aos fatores que poderiam ser obstáculos para a permanência na Rede, 49% identificam que sua situação socioeconômica poderia ser um obstáculo para permanecer, ocupando a porcentagem mais representativa, seguido por 20% que fazem referência a se sentir inseguro ou ameaçado. Não obstante, 25% pensam que nada será um obstáculo para a sua permanência na Rede.

Entre as pessoas que dedicam 4 horas ou menos por semana à sua Rede, existe uma maior proporção de ativistas que têm filhos, que têm menos de 1 ano no ativismo, e que apontam que se sentir inseguro ou ameaçado afetaria sua permanência, em comparação com quem dedica mais tempo à Rede.

A maioria de quem acompanha afirma que sua Rede ou Coletiva está situada em uma zona urbana (87%) e 10%, em uma zona semiurbana. Somente seis ativistas assina-

laram que realizam ativismo na zona rural. Isso tem implicações importantes no que se refere à divulgação que as Redes realizam. Em geral, fazem divulgação através de redes sociais próprias ou de outras organizações (80%), de boca em boca entre pessoas que foram acompanhadas (79%), através de materiais impressos (62%) e ações nas ruas (47%). Não obstante, entre quem realiza ativismo desde zonas semiurbanas, 14% acreditam que a divulgação que a sua coletiva realiza não é ampla, enquanto o número cai para 8% entre quem atua em zonas urbanas.

Acompanhamento entre acompanhantes:

As pessoas que realizam acompanhamento são o elemento central dos processos internos das Redes. Como tal, além de acompanhamento de quem busca abortar, as Redes implementam diversas atividades para o cuidado de ativistas, como aponta a maioria das pessoas que responderam esta pesquisa (85%):

“Eu me sinto cuidada. [A Rede] tem se encarregado de nos levar para os acompanhamentos de Uber, com a finalidade de não nos expor aos contágios no transporte público”. [39 anos, Rede no México]

Especificamente, 81% mencionam que, como parte do cuidado de ativistas, é realizado um acompanhamento das pessoas que acabaram de ingressar e 73% identificam que sua Rede realiza intercâmbio diário de informação do trabalho de acompanhar, enquanto 67% assinalam que existem processos de contenção e reuniões de sentires. A maioria indica que em sua Rede existem ações de capacitação (89%), sendo as mais citadas as formações ou as escolas de acompanhantes (75%), e compartilhar experiências de acompanhamento entre ativistas (65%). Além dessas ações, 39% expressam que gostariam que mais dias de treinamento político fossem realizados.

“ A gente se sustenta emocionalmente intragrupalmente, não apenas nos acompanhamentos, mas nos sentimentos da nossa vida pessoal e confiamos plenamente um em outro”. [39 anos, Rede na América do Sul]

Obstáculos internos e externos:

Para 55% das pessoas ativistas que responderam a pesquisa, a divulgação que sua Rede e/ou Coletiva faz poderia ser mais ampla e 42% explicaram que a capacidade de resposta da sua Rede e/ou Coletiva limita sua divulgação. Além disso, 22% apontam que não têm uma forma de difusão mais ampla devido às condições de perseguição e criminalização no seu país.

Para 63%, profissionais de saúde chamados objetores de consciência (objetores de uma prática médica) ou com falta de conscientização sobre os direitos de quem aborta eram alguns dos obstáculos externos mais importantes para desenvolver os acompanhamentos. O acesso limitado a medicamentos abortivos (40%), os grupos antidireitos com influência na comunidade (38%) e as leis restritivas (35%) também foram apontados como obstáculos externos importantes. Esses obstáculos implicam limites para o alcance das Redes ou Coletivas para acompanhar as pessoas que necessitam abortar (54%), trabalho extra para acompanhantes (52%) e insegurança ou preocupações entre ativistas (54%).

Quanto aos desafios internos às próprias Redes, o obstáculo mais comumente assinalado foi uma equipe de acompanhantes reduzida (45%), seguido da falta de recursos econômicos para a sustentabilidade da Rede (34%), dificuldade para acessar medicamentos e diferentes níveis de capacitação entre integrantes da Rede (32%). Esses obstáculos têm gerado trabalho extra entre acompanhantes (67%), limites no alcance da Rede a pessoas que necessitam abortar (46%) e geram insegurança e/ou preocupação entre as ativistas (39%).

Nesse contexto, é importante retomar esses obstáculos para refletir sobre a sustentabilidade futura das redes, tanto para não saturar as pessoas que acompanham como para poder ampliar a cobertura e chegar a mais pessoas que necessitem abortar.

Entre quem realiza ativismo em uma Rede em zona semiurbana, a presença desses obstáculos externos e internos foi maior em comparação com quem o faz em uma zona urbana, resultando em uma maior proporção que reportou que não consegue chegar a todas as pessoas que necessitam abortar (65% vs 50%).

Além disso, ativistas de zonas urbanas reportaram experimentar com maior frequência uma equipe reduzida de acompanhantes (46% vs 38% em zonas semiurbanas).



Facilitadores do ativismo:

Mesmo diante dos obstáculos que enfrentam, é reconhecido que as Redes têm desenvolvido estratégias que contribuem para facilitar os acompanhamentos, o que demonstra suas fortalezas. Entre os facilitadores, estão incluídos a diversidade de conhecimentos e a solidariedade entre integrantes (71%), uma visão pública da Rede ou Coletivo (63%), as alianças com profissionais de saúde nos serviços médicos (57%), o acesso a medicamentos (56%), os programas de capacitação para integrantes da Rede (48%), os protocolos de atenção (42%), as alianças com outras organizações e Redes de Acompanhamento (38%) e diversas ações para a sustentabilidade da Rede (38%). Somente 9% afirmam contar com um programa de atividades de autocuidado coletivo como facilitador para realizar o ativismo. Este é outro dos desafios que terão que consolidar no futuro como um elemento central de sustentabilidade.

Aquelas pessoas que assinalam que suas organizações têm criado condições favoráveis, que facilitam a realização do ativismo, expressam menor necessidade de que se implementem mais ações de formação e/ou de cuidado de ativistas.

Um novo cenário diante da pandemia por COVID-19:

A maioria das pessoas que participaram da pesquisa (95%) estão em países que tomaram medidas de isolamento e quarentenas decretadas pelos governos durante a pandemia por COVID-19, iniciada em 2020. Mais da metade (55%) compartilha que não poder estar acompanhada presencialmente pela Rede foi um dos principais obstáculos que enfrentou como ativista, enquanto 31% apontam a possibilidade de se contagiar. Além disso, 20% do ativismo apontou que a contingência pela COVID-19 implicou que tivessem que cuidar de pessoas vulneráveis e, por isso, tiveram menos tempo para se dedicar aos acompanhamentos. Outros 8% afirmam que um obstáculo foi não estar em um ambiente que apoia seu ativismo durante a quarentena e 8% destacam o fato de estar em um ambiente inseguro, onde não podiam fazer acompanhamentos.

A contingência por COVID-19 também implicou desafios estruturais para as redes de maneira geral e para as pessoas acompanhadas. Quase metade de ativistas indica que sua Rede experimentou barreiras para acessar medicamentos (48%), e mais importante ainda, 76% indicam que a pandemia impactou na possibilidade de criar vínculos presenciais com as pessoas acompanhadas. Os principais obstáculos que experimentaram as pessoas acompanhadas, desde a perspectiva de ativistas acompanhantes, foi que não podiam sair das suas casas (76%), não geravam renda (65%), não tinham privacidade para o aborto (59%) ou para chamadas e conversas telefônicas com acompanhantes (57%), acesso a serviços de saúde que estavam sobrecarregados (59%) e o fato de experimentarem situações de violência doméstica (52%).

Diante desses desafios, a pandemia da COVID-19 mudou a forma com que as ativistas e Redes em geral fizeram o seu trabalho, para poder responder às necessidades emergentes. Seis de cada 10 ativistas (59%) consideraram que durante a pandemia sua Rede incorporou novas ferramentas de comunicação para contatar quem solicitava acompanhamento para um aborto, e quase 5 de cada 10 (46%) assinalam que houve mudanças nas formas e nos meios de distribuir informação sobre a Rede e/ou Coletiva. No mesmo sentido, entre 33% e 38% coincidiram que, além das atividades que realizavam diariamente antes da pandemia, houve maior divulgação de informação sobre aborto e formas de contato em redes sociais, e-mails e outras plataformas.

Além disso, 40% afirmam que as Redes implementaram mudanças nos horários de atenção e meios para estar em contato com as pessoas que solicitavam acompanhamento e 39% manifestaram que suas Redes mudaram a maneira com que lidavam com medicamentos. Não obstante, enquanto praticamente todas as pessoas apontaram mudanças implementadas por suas Redes, 29% disseram não ter iniciado nenhuma nova atividade relacionada com seu ativismo durante a pandemia.

Esta seção permite conhecer de maneira mais próxima o impacto que o acompanhamento para abortar tem nas vidas pessoais e coletivas. Faz um percurso para conhecer como o ser acompanhante se relaciona com outros espaços de suas cotidianidades e com seus vínculos. Da mesma forma, recupera o impacto da contingência pela pandemia da COVID-19 nesses mesmos espaços.

D) De volta ao centro: o acompanhamento na própria vida

Acompanhamento e família:

Ativistas também refletiram sobre as pessoas do seu entorno que têm conhecimento do seu ativismo.

Quanto mais jovem, maior é a proporção das pessoas que apontam que pessoas próximas, como a mãe, o pai ou a avó, sabem do seu ativismo.

O conhecimento sobre a sua participação no ativismo recai principalmente dentro do ambiente familiar em irmãos, com 70%, e na mãe, com 68%. No ambiente externo, estão amigos, com 89%, e ativistas de outras organizações, com 79%. Em menor porcentagem, aparecem vizinhos e chefe do seu lugar de trabalho. Não obstante, 1% mencionou que ninguém sabe do seu ativismo na Rede e/ou Coletiva.

Quem dedica mais tempo semanal à sua Rede aponta que mais pessoas sabem do seu ativismo.

A maioria reconhece que recebeu apoio e aprovação de sua mãe quando disse que era acompanhante de abortos. Algumas foram acolhidas imediatamente, enquanto outras receberam uma confirmação tardia do seu apoio. Quem não recebeu apoio imediato de sua mãe, manifestou que foi devido à preocupação por sua segurança física, legal e socioemocional, por falta de conhecimento ou informação sobre acompanhamento e por seu ponto de vista pessoal sobre aborto. Uma participante explicou que o apoio da sua mãe chegou à medida em que se passava o tempo, porque pode presenciar os impactos tangíveis que o acompanhamento e o ativismo faziam na sua vida e em tempo real:

“Eu contei a ela desde que comecei e ela não reagiu nada bem. Estava muito preocupada pela minha segurança, mas, com o tempo, minha mãe tem demonstrado interesse em apoiar outras mulheres e me ajuda, por exemplo, com o transporte para a entrega de medicamentos a outras garotas. No último protesto pró-aborto, ela e minha filha estiveram presentes”. [32 anos, Rede no México]

Inclusive o diálogo e o apoio tardio levaram algumas pessoas participantes e suas mães a uma conversa relacionada à normalização e à desestigmatização do aborto, bem como

à experiência de aborto em suas famílias e comunidades. Em alguns casos, suas mães compartilharam seus próprios abortos; essa transparência facilitou alguns modos de aproximação.

“Eu disse à minha mãe quando comecei a fazer a formação para ser acompanhante de abortos, mesmo antes de ser parte da Rede. Ela reagiu com medo, como qualquer pessoa adulta não ativista de sua geração que se inteirava de algo assim anos atrás, mas com orgulho. Não se opôs. Minha mãe passou por mais de um processo de aborto na sua vida, tanto no seu corpo como acompanhando alunas (porque é professora). No entanto, nunca pode dividir isso, porque tinha vergonha. Acredito que, quando contei que ia fazer parte da Rede, foi uma cura para essa parte que ela mantinha oculta. Desde esse momento, compartilhamos isso com emoção.” [32 anos, Rede da América do Sul]

Poucas das pessoas que completaram a pesquisa experimentaram uma reação negativa de suas mães ao revelar seu trabalho ativista. Nos casos de reprovação, mencionaram que suas mães tinham sentimentos antiaborto. Apesar da falta de apoio de suas mães, a maioria expressou sua vontade para seguir se mobilizando nesse espaço e não voltar atrás.

Impacto do ativismo em suas vidas:

As pessoas que participaram desse estudo também refletiram sobre os impactos que as Redes têm tanto em sua vida como na sociedade em geral. A maioria coincide que, além de impactar na vida das mulheres acompanhadas, o ativismo dessas Redes tem incidência principalmente nas esferas sociais amplas, para além da comunidade próxima (72%) e de setores do sistema de saúde (59%).

Reconhecem que vários dos impactos que as redes têm na sociedade em geral incluem a construção de autonomia (81%), a proteção da liberdade (73%), o cuidado da saúde (66%) e da vida (65%) de pessoas abortantes, a despenalização social do aborto (65%) e o questionamento da hegemonia médica (59%).

A maioria reconhece que ser parte de um coletivo que acompanha abortos tem sido uma experiência transformadora, que gerou um crescimento pessoal muito profundo, que ajudou a desconstruir seus preconceitos e tabus pessoais sobre o aborto, que apresentou outras formas feministas de pensar e integrou o ativismo à vida cotidiana. Outras pessoas descreveram que ser parte de uma Rede e/ou Coletiva proporcionou ferramentas e habilidades úteis para suas comunidades, por exemplo, como criar espaços de apoio físico e emocional para as pessoas que querem abortar. Ser parte também desafia crenças normativas sobre a orientação sexual, a sexualidade e os sistemas opressivos hierárquicos ou patriarcais. Grande proporção mencionou que ser acompanhante mudou a sua forma de pensar do individual ao coletivo, que ajudou a julgar menos outras pessoas e que fortaleceu sua habilidade de escutar ativamente.

“Me fez mais consciente dos processos de exclusão que a mulher vive só por ser mulher. Sou mais sensível, empática, solidária em relação a mulheres e meninas. Me fez contar com um estoque de argumentos de porque é necessária a descriminalização do aborto, e me fez questionar o saber hegemônico médico. Me deu confiança nas minhas capacidades, tenho sentido, como nunca, o que significa um crescimento coletivo, tenho percebido que, naquilo que nos compete, se não é companheira, a outra sairá e responderá. Me fez valorizar de forma radical e no meu próprio corpo o confiar na outra, e reafirmou a minha ideia, antes morna, de que o patriarcado é tanático.” [41 anos, Rede na América Central]

Além disso, um grande número manifestou que ser parte de uma Rede e/ou Coletiva ajudou a se sentir conectada a uma comunidade solidária e parte de algo maior que si mesmas e das pessoas acompanhadas. Ser parte proporcionou-lhes um sentimento de pertencimento e ajudou-lhes a sentir mais confiança nas suas crenças e seus valores.

“O fato de me sentir acompanhada [pela Rede], forte, respaldada, saber que tenho uma manada que pode me dar a mão se algo acontece e que, se eu não sei algo, outra pode ter esse conhecimento, contenção, sentido de vida, curar meu próprio processo”. [28 anos, Rede no México]

Finalmente, algumas pessoas expressaram que ser parte de Redes de Acompanhamento fomenta suas habilidades de encarar o tipo de mudança que querem ver em sistemas historicamente injustos e hierárquicos. Descobriram como seu ativismo ajudou a se sentirem defensoras e defensores da luta para desestigmatizar o aborto, assegurar autonomias corporais, que proporcionou-lhes significado e satisfação nas suas vidas.

Descreveram as formas como a pandemia afetou tanto suas vidas pessoais como as formas em que deram acompanhamento e se envolveram no ativismo. Aquelas pessoas que fazem acompanhamento têm enfrentado uma ampla gama de desafios nas suas vidas pessoais, desde se sentirem emocionalmente saturadas, isoladas e sobrecarregadas até estar financeiramente estressadas e presas em suas casas. Muitas pessoas ativistas sentiram que esses desafios afetaram sua capacidade de acompanhar, como escreveu a seguinte ativista:

“Foi angustiante sustentar os acompanhamentos, mas também entre nós mesmas, já que houve demissões, sobrecarga de trabalho ou de tarefas domésticas, de cuidado, com familiares contagiados ou que faleceram. Ao realizar tarefas de coordenação, fui vendo e acompanhando essas situações de perto, o que resultou em um desgaste emocional”. [33 anos, Rede na América do Sul]

Algumas também expressaram como a pandemia implicou em acompanhar mais pessoas que viviam situações difíceis, o que inclui violência doméstica. Um dos principais desafios que as pessoas ativistas descreveram sobre as mudanças no acompanhamento foi que as atividades

virtuais fizeram com que sentissem certa desconexão das pessoas que acompanhavam e de outras acompanhantes. No entanto, também reconheceram que a mudança para um acompanhamento virtual ajudou a ampliar o acesso ao aborto acompanhado, o que inclui o acompanhamento de pessoas em áreas rurais e mais remotas, ou mesmo de outros países. Algumas pessoas sentiram que a forma com que as Redes de Acompanhamento se reestruturaram durante a COVID-19 ajudou a se fortalecerem. Por exemplo, em alguns contextos, mencionaram relações crescentes com os sistemas de saúde para facilitar o acesso à atenção médica, o que acontece principalmente em contextos de maior legalidade do aborto.

Nesta seção, são apresentadas as visões que as pessoas que fazem acompanhamentos têm sobre os seguintes passos, o que seguirá agora em respeito ao ativismo que acompanha abortos, tanto para as que acompanham como para a Rede ou Coletiva. Apresentamos também o impacto social que elas identificam como resultado do trabalho que as Redes ou Coletivas de Acompanhamento realizam. Da mesma forma, recuperam-se as necessidades que reconhecem como parte da sustentabilidade das Redes que acompanham as decisões de abortar.

E) Para onde avançar? Ativar para o futuro

A visão de futuro em relação ao ativismo:

Em relação a como se veem no futuro em geral, 74% consideram que ser ativista é parte da sua vida e 72% acreditam que fará capacitações em outros temas relacionados ao aborto. Ninguém acredita que deixará de ser ativista. A curto prazo, 70% se enxergam fazendo capacitações em outros temas para proporcionar acompanhamento mais integral e 61% participando ativamente em todas as ações que seu grupo realize. Para 6%, mudanças na sua vida podem fazer com que participe menos da Rede ou Coletiva, mas ninguém considera que deixará de seguir colaborando com esses espaços.

Em geral, o ativismo é parte da vida de todas e todes, e no futuro se veem ainda mais dedicades a essas atividades. Algumas das visões de futuro se transformam de acordo com a idade das ativistas e o tempo que dedicam atualmente à sua Rede.

Entre as mais jovens, se veem no futuro trabalhando em outros temas e movimentos, enquanto ativistas mais velhas se veem no futuro gerando outras redes. Isso poderia ser explicado também pelo tempo que têm na sua Rede.

Em relação ao futuro da sua Rede ou Coletiva, praticamente nenhuma das pessoas que acompanham a abortar considera que as redes de acompanhamento deixarão de existir quando o aborto for legalizado. Nessa linha, 67% consideram que as redes serão necessárias para a melhoria dos serviços de saúde pública. Entre 3 a 5 anos, 67% imaginam a sua Rede contribuindo para a mudança de perspectiva sobre como se vê o aborto, 62% imaginam a sua Rede com um número maior de ativistas e a metade imagina que fará ativismo em novas localidades, desenvolvendo estratégias para acompanhamento legal e trabalhando com outras redes que facilitem o trabalho.

As pessoas ativistas também compartilham sua visão sobre as mudanças que esperam que aconteça nas normas sociais como resultado do seu ativismo. Esperam principalmente que as pessoas que abortam sejam consideradas como autônomas e autodeterminadas (66%), que os direitos sexuais e reprodutivos de todes sejam respeitados e que se converse sobre isso na vida cotidiana (65%) e que as pessoas não sintam culpa por abortar (59%). Também compartilham que, como resultado do seu ativismo, esperam que a maternidade seja vista como uma opção e não como uma obrigação (55%).

Uma maior proporção das pessoas que em um futuro imediato imaginam sua Rede construindo autonomia pelas pessoas também esperam que uma das mudanças promovidas pelo seu ativismo seja que pessoas que abortam sejam consideradas autônomas e autodeterminadas.

Sustentabilidade da Rede:

Aproximadamente 42% apontam que, em sua Rede, utilizam a delegação de tarefas como estratégia para favorecer a permanência, enquanto 40% assinalam compartilhar experiências e participar de encontros com outras redes. Outras estratégias empregadas são a formação permanente de ativistas (34%) e a atenção a necessida-

des de segurança holística (31%). A remuneração econômica só é mencionada por 18%, enquanto 11% não reconhece que exista alguma estratégia para promover a permanência. Além do que é feito atualmente no interior das Redes, algumas participantes compartilharam ideias sobre como é possível promover a permanência de acompanhantes e, entre elas, sugerem a capacitação e a formação contínua, a implementação de jornadas e espaços de cuidado e escuta, a delegação e a rotação de tarefas. É o que vemos nos seguintes depoimentos:

“A permanência é promovida no compartilhamento de espaços lúdicos, onde se dá a confiança de contar o que sentimos e pensamos e de formar laços de amizade entre nós, sendo amigas e mantendo a confiança e o respeito”
[27 anos, Rede na América do Sul]

“Embora o aborto seja um tema sensível e muitas vezes vinculado à tristeza, realizar atividades lúdicas e celebrações públicas tem resultado em um espaço de catarse para as pessoas que se aproximam. Penso que poder nos conectar a sentimentos mais alegres, com o reconhecimento (...) é possível que as integrantes permaneçam mais tempo”. [31 anos, Rede na América do Sul]

Existem as que sugerem também a remuneração econômica como estratégia, respondendo à alta porcentagem que descreve que sua situação socioeconômica limitaria sua permanência na Rede e/ou Coletiva.

Uma maior proporção de ativistas que tinham entrado na Rede/Coletiva havia menos de um ano apontou sua situação econômica como uma barreira para a sua permanência.



Sobre este tema, 58% disseram que assumiriam o trabalho de acompanhamento e ativismo em tempo integral se fosse remunerado. Aqui, citaram como razões sua

sólida capacitação e experiência, realização pessoal e compreensão do papel e posicionamento único do acompanhamento dentro do movimento feminista, que luta por autonomia corporal e, por fim, pelo acesso ao aborto livre. No entanto, outra grande parte das e des participantes explicou que sua impossibilidade de trabalhar neste espaço em tempo integral, naquele momento, era circunstancial, já que suas realidades familiares e financeiras não permitiam a elas um trabalho não remunerado. A importância de um salário consistente foi destacada por quem mencionou que não tem outros trabalhos para o seu sustento:

“Estou convencida de que o trabalho que fazemos tem impacto positivo na vida das mulheres e de nós mesmas. No entanto, devo procurar também o meu bem-estar econômico, portanto, se a Coletiva me permitisse uma estabilidade financeira, é claro que me dedicaria em tempo integral”. [34 anos, Rede no México]

No entanto, em relação a este mesmo aspecto, 25% apontaram que não trabalhariam em tempo integral na Rede, ainda que seu trabalho fosse remunerado. Compartilharam uma variedade de razões pelas quais não queriam ser ativistas em tempo integral, como não estar de acordo com o fato de receber remuneração pelo ativismo ou simplesmente porque não querem realizá-lo em tempo integral. Grande parte de participantes expressou que, ainda existe uma necessidade de ter um emprego remunerado, não sentem que receber remuneração pelo seu ativismo esteja ideologicamente alinhado com seus valores feministas.

“Me gera muitas contradições ideológicas a militância remunerada. Acredito sim que existem muitas tarefas que devem ser remuneradas, mas a dedicação ao ativismo não deveria depender de uma remuneração”. [41 anos, Rede na América do Sul]



Além disso, muitas pessoas participantes relataram que não queriam se dedicar ao ativismo em tempo integral porque era emocionalmente pesado, ou porque tinham um compromisso em continuar suas carreiras, estudos ou interesses atuais. Houve quem expressou que seus empregos facilitam seu ativismo, porque contribuem para o fortalecimento de movimentos, ao mesmo tempo em que a possibilidade de participar do ativismo e trabalhar em sua profissão é uma fonte de alegria.

V. Algumas
conclusões



Pode ser arriscado escrever conclusões neste estudo. Em primeiro lugar, porque este informe contém os primeiros dados e análises preliminares de uma grande quantidade de informação que foi coletada a partir da dedicação de quem se dispôs a responder a pesquisa. Em segundo lugar, porque a informação que já temos em mãos mostra que falta aprofundamento em alguns aspectos mais qualitativos. Em terceiro lugar, porque a maior parte do Comitê de Planejamento forma parte das Coletivas e Redes de Acompanhantes e isso nos coloca diante do desafio de construir a “distância ótima” para ler o acúmulo de dados potentes que a pesquisa gera.

Dito isso, arriscamos algumas primeiras conclusões:

1 Como dissemos, este estudo começou a ser planejado ao mesmo tempo em que a pandemia por COVID-19 se iniciava, e a fase de coleta de dados começou quando ia completar um ano do seu início. Nesse momento, tínhamos umas poucas certezas: de que a vida cotidiana foi completamente interrompida e que a necessidade de abortar estava presente e até, em alguns casos, intensificada devido aos impactos da pandemia e o confinamento na vida das mulheres e outras pessoas com possibilidades de abortar, por exemplo, sobre a saúde, a vida laboral ou pelos altos índices de violência doméstica reportadas.

2 Embora muitas atividades foram pausadas nesse tempo, a tarefa de acompanhar decisões e processos de aborto se reorganizou a partir das limitações que a pandemia impôs para as Redes e Coletivas, mas nunca se interrompeu. Inclusive existem as que sentiram que a forma criativa nas quais as Redes de Acompanhamento se reestruturaram durante a pandemia da COVID-19 ajudou com que se fortalecessem. Acompanhar também significou um refúgio coletivo para suportar a precariedade da vida.

3 Neste tempo, como nunca, foi colocado em evidência e se valorizou a importância das Redes de Acompanhamento e de aborto com medicamentos fora do sistema de saúde como método seguro e eficaz para dar resposta a quem necessitava abortar, em um contexto em que os sistemas já deficientes foram rebaixados pela necessidade de dar uma resposta o mais efetiva possível à pandemia.

4 A respeito disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu em abril de 2021 que a pandemia da COVID-19 havia exacerbado a desigualdade e a falta de acesso aos serviços básicos de saúde, de maneira particular a mulheres e meninas, já que 44% dos países informaram sobre interrupções nos serviços de aborto seguro e atenção pós-aborto. Neste marco, a OMS recomendou aos sistemas de saúde criar enfoques inovadores para garantir que as mulheres recebam a atenção que necessitam durante a pandemia, por exemplo, mediante a ampliação das opções de autoassistência respaldadas pelo acesso aos conhecimentos médicos pertinentes, em particular por meio da telemedicina. Ao mesmo tempo, a atualização da lista de medicamento essenciais inclui os medicamentos utilizados para a atenção ao aborto em condições seguras. Além disso, indicou como prioridade atender tudo o que for relativo ao aborto seguro mediante associação e cooperação entre governos, a sociedade civil e os agentes não estatais¹⁰.

5 Para a maioria das pessoas acompanhantes que participaram deste estudo, ser parte de uma Rede ou Coletiva que acompanha abortos tem sido uma experiência transformadora. Experiência que em grande medida têm podido compartilhar com familiares (mãe e irmãos) e amigas, três de cada quatro acompanhantes consideraram que ser ativista é parte da sua vida e quase todes

10. Extraído das observações de abertura do Diretor-Geral da OMS no evento de encerramento do Diálogo Global sobre Aborto Seguro, disponível em: <https://www.who.int/es/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-closing-event---global-safe-abortion-dialogue>

(95%) reconhecem que a principal motivação para permanecer neste tipo de ativismo está na aposta de que as experiências de aborto sejam acompanhadas e feministas. Isso se destaca como um dos princípios em torno do qual as ativistas acompanhantes se sentem conectadas em uma comunidade solidária e parte de algo maior que si mesmas.

Embora a convicção política exista e seja firme, pouco mais da metade das pessoas que responderam a pesquisa apontou a falta de remuneração como razão de impossibilidade para dedicar mais tempo ao ativismo e, ainda que também existam pessoas que, pelos seus próprios valores feministas não aceitariam remuneração, é importante ressaltar que o trabalho de cuidados coletivos promovido por quem acompanha abortos é importante, valioso, se mantém atualizado, implica colocar o corpo, a energia, desenvolver imaginação, criatividade e armar resistências que buscam dar valor às decisões de abortar em todos atos vinculados com a responsabilidade, a dignidade, a justiça e o prazer.

Numerosos estudos mostram que as pessoas trans, não-binárias e/ou de gênero fluído experimentam barreiras para acessar serviços de saúde, incluindo serviços de saúde sexual e (não)reprodutiva, o que causam atrasos, negativas ou a evasão completa da atenção¹¹. Ainda que os resultados deste estudo mostrem que a maioria de acompanhantes se identificam como mulheres e refletem centralmente sobre suas experiências acompanhando outras mulheres, também existem acompanhantes que se auto-percebem com outras identidades de gênero. Nas Redes, estão sendo desenvolvidos debates sobre os processos de acompanhamento de pessoas de todo o espectro de gênero que necessitam abortar. Reconhecem que é

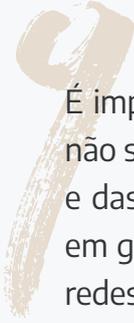
11. Kristie L. Seelman & Tonia Poteat (2020) Strategies used by transmasculine and non-binary adults assigned female at birth to resist transgender stigma in healthcare, *International Journal of Transgender Health*, 21:3, 350-365, DOI: 10.1080/26895269.2020.1781017

Madina Agénor, Gabriel R. Murchison, Jesse Najarro, Alyssa Grimshaw, Alischer A. Cottrill, Elizabeth Janiak, Allegra R. Gordon & Brittany M. Charlton (2021) Mapping the scientific literature on reproductive health among transgender and gender diverse people: a scoping review, *Sexual and Reproductive Health Matters*, 29:1, 57-74, DOI: 10.1080/26410397.2021.1886395

importante tomar em consideração as experiências e necessidades dessas pessoas na sua especificidade e singularidade e que, para isso, os processos de diálogo, reflexão e formação são fundamentais.

Vale destacar que tem havido avanços legislativos quanto ao reconhecimento do direito a abortar dentro do marco da lei e também em reconhecimento às identidades da dissidência sexo-gênero durante o período em que este estudo foi realizado, e que esses avanços estão diretamente relacionados às lutas que os movimentos têm desenvolvido há décadas. A primeira lei que reconhece “o direito de mulheres e outras pessoas com capacidade de gestar” é a Lei 27610 de Interrupção Voluntária da Gestação¹², conquistada na Argentina. A norma foi aprovada em 30 de dezembro de 2020, após anos de persistência dos feminismos para colocar o tema na agenda social e política e que, em meio a um contexto de imaginativos modos de organização, deu lugar ao que conhecemos por Maré Verde. A Lei 27610 despenaliza o aborto voluntário até a semana 14 de gestação, mantendo as duas causais vigentes no Código Penal daquele país: quando a gravidez é resultado de um estupro e quando a pessoa gestante corre risco de vida ou de saúde. Posteriormente, em setembro de 2021, a Suprema Corte de Justiça do México emitiu algumas sentenças, entre as mais importantes está a que destaca que criminalizar o aborto voluntário é inconstitucional, porque contraria a autonomia e a liberdade reprodutiva de mulheres e outras pessoas com capacidade de gestar. Vinculado a essas recentes mudanças, as Redes de acompanhantes sabem que continuam sendo necessárias para a garantia e melhoria dos serviços estatais de aborto. Neste sentido, o acompanhamento continua, ainda que em contextos de avanços legislativos, e adquire novos desafios.

12. Em espanhol, IVE (Interrupción Voluntaria del Embarazo).



É importante ressaltar que o ativismo das redes impacta não só a vida das pessoas que realizam acompanhamento e das pessoas acompanhadas, mas também a sociedade em geral. Participantes desta pesquisa concordam que as redes constroem autonomia e protegem a liberdade, a saúde e a vida das pessoas. Esperam que, como resultado do seu ativismo, se amplie o acesso à justiça reprodutiva para todas as pessoas.

A CERTEZA DE NÃO QUERER PARAR...

Este estudo mostra que as Redes de Acompanhantes sabem que colaboram para a construção de autonomias na vida das mulheres e de outras pessoas que necessitam abortar, que protegem sua liberdade e sua saúde.

Tudo mostra que não vão parar até que a justiça reprodutiva seja realidade, seguirão juntas para que quem decida abortar possa atravessar caminhos autônomos e sem culpas por se apropriar do seu próprio corpo. São conscientes de que a maternidade segue sendo obrigada e romantizada, que resulta necessária e urgente a presença ativista na vida cotidiana de quem aborta para seguir armando políticas de cuidados, políticas que incluem a exigência, para governos, estados e suas instituições, de um marco normativo que assegure o acesso digno e cuidado aos abortos. Da mesma forma, garantem que seguirão se capacitando, se envolvendo, se acompanhando e desenvolvendo estratégias para que o aborto seja despenalizado, legalizado e livre.

E que chegaram para ficar, por isso continuarão unindo ativismos de forma criativa para alcançar seus sonhos e desejos.

VI. Referências bibliográficas

Fernández Vázquez SS, Szwarc L. Aborto medicamentoso: transferencias militantes y transnacionalización de saberes en Argentina y América Latina. *RevlISE - Rev Cienc Soc Humanas* [Internet]. 2018;12(12):163-77. Disponible en: <http://www.ojs.unsj.edu.ar/index.php/reviise/article/view/280>

Drovetta RI. Safe abortion information hotlines: An effective strategy for increasing women's access to safe abortions in Latin America. *Reprod Health Matters* [Internet]. 2015 Jan [cited 2020 Apr 22];23(45):47-57. Disponible en: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/j.rhm.2015.06.004>

Drovetta RI. Acciones feministas en las Líneas de Información Aborto Seguro (LIAS) en Latinoamérica y el Caribe. In: *Feminismos para un cambio civilizatorio*. Alba Carosio (Coord.). Caracas, Venezuela: CLACSO, Fundación Celarg, Centro de Estudios de la Mujer, Universidad Central de Venezuela; 2014.

Balance, Libertad, Justicia y Transformación. 1er Encuentro de la RedFeminista Latinoamericana y Caribeña de Acompañantes de Aborto [Internet]. 2019. Disponible en: <https://medium.com/@-BalanceAC/1er-encuentro-de-la-red-feminista-latinoamericana-y-caribe%C3%B1a-de-acompa%C3%B1antes-de-aborto-8e797736577c>

Zurbriggen R, Keefe-Oates B, Gerdtz C. Accompaniment of second-trimester abortions: the model of the feminist Socorrista network of Argentina. *Contraception* [Internet]. 2018 Feb [cited 2020 Apr 22];97(2):108-15. Disponible en: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0010782417303931>

Chor J, Hill B, Martins S, Mistretta S, Patel A, Gilliam M. Doula support during first-trimester surgical abortion: a randomized controlled trial. *Am J Obstet Gynecol* [Internet]. 2015 Jan [cited 2020 Apr 22];212(1):45.e1-45.e6. Disponible en: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0002937814006322>

Jelinska K, Yanow S. Putting abortion pills into women's hands: realizing the full potential of medical abortion. *Contraception* [Internet]. 2018 Feb [cited 2020 Jul 5];97(2):86-9. Disponible en: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0010782417303724>

Moseson H, Jayaweera R, Egwuatu I, Grosso B, Kristianingrum IA, Nmezi S, Zurbruggen R, Motana R, Bercu C, Carbone S, Gerds C. Effectiveness of self-managed medication abortion with accompaniment support in Argentina and Nigeria (SAFE): a prospective, observational cohort study and non-inferiority analysis with historical controls. *Lancet Glob Health*. 2022 Jan;10(1):e105-e113. doi: 10.1016/S2214-109X(21)00461-7. Epub 2021 Nov 18. PMID: 34801131. Disponible en: [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(21\)00461-7/-fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(21)00461-7/-fulltext)

Kristie L. Seelman & Tonia Poteat (2020) Strategies used by trans-masculine and non-binary adults assigned female at birth to resist transgender stigma in healthcare, *International Journal of Transgender Health*, 21:3, 350-365, DOI: 10.1080/26895269.2020.1781017

Madina Agéonor, Gabriel R. Murchison, Jesse Najarro, Alyssa Grimshaw, Alischer A. Cottrill, Elizabeth Janiak, Allegra R. Gordon & Brittany M. Charlton (2021) Mapping the scientific literature on reproductive health among transgender and gender diverse people: a scoping review, *Sexual and Reproductive Health Matters*, 29:1, 57-74, DOI: 10.1080/26410397.2021.1886395

Primeiro informe de resultados - Maio de 2022

